

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 46

Data: 13.03.72

Pg.: \_\_\_\_\_

### Apoena Meireles é afastado dos cintas-largas porque exigiu retirada de colonos

**Brasília (Sucursal)** — Depois de pedir à Funai a adoção de uma série de medidas para facilitar o trabalho de pacificação dos cintas-largas, o sertanista Apoena Meireles foi afastado da direção do Parque do Aripuanã e transferido para a chefia de uma pequena frente de atração de índios na serra do Cachimbo.

O sertanista havia pedido à Fundação Nacional do Índio a retirada imediata de 100 famílias de colonos do território cinta-larga e maior autonomia administrativa à equipe de pacificação, sob o argumento de que o seu trabalho não pode ficar "entrevado" pela burocracia.

#### DESCONTENTAMENTO

O sertanista Apoena Meireles será deslocado para o comando de uma nova frente de atração dos krenhakarores, conhecidos como os índios gigantes. Com a nova frente, a Funai pretende acelerar os trabalhos de pacificação da tribo, já iniciados pelos irmãos Vilas-Boas, para adiantar a construção da Rodovia Curitiba-Santarém, que atravessará de Norte a Sul o território indígena.

Enquanto os irmãos Cláudio e Orlando Vilas-Boas tentam, pelo Sul, iniciar contatos pacíficos com os krenhakarores, Apoena Meireles será encarregado da penetração do território pelo Norte, a partir da cidade de Itaituba.

Contrariado com o seu afastamento inesperado do Parque do Aripuanã, o sertanista lamenta, principalmente, a possibilidade de ocorrer uma descontinuidade no trabalho de pacificação dos cintas-largas, "o maior grupo indígena conhecido do país", com cerca de 5 mil índios. Além disso, acha que os Vilas-Boas são extremamente competentes para pacificar, sozinhos, os krenhakarores. Acredita o sertanista que a nova frente poderá inclusive acirrar os ânimos dos índios gigantes, pois eles poderão se sentir cercados pelos brancos em seu território.

#### DESCONTINUIDADE

Há dois anos, depois de vários meses de tentativas frustradas, Apoena e seu pai (Francisco Meireles) conseguiram manter os primeiros contatos com um

grupo cinta-larga, que mora em sítio distante dois quilômetros do acampamento da Funai no rio Roosevelt, a Noroeste de Mato Grosso.

Com esse grupo foram logo estabelecidas relações intensas, embora o trabalho de pacificação fosse constantemente prejudicado pela crescente invasão das terras indígenas por parte de garimpeiros e de empresas imobiliárias.

Apesar dos vários relatórios e apelos, a Fundação Nacional do Índio insistia em desconhecer a situação real da área, até que ocorreu o massacre do acampamento do rio Roosevelt, onde morreram o jornalista Possidônio Bastos e o radiotelegrafista Acrísio Lima.

Na última semana, o sertanista pediu à presidência da Funai que fosse adotada uma série de providências necessárias ao êxito da pacificação. Entre elas, reivindicava maior autonomia administrativa à frente de pacificação, sob o argumento de que o seu trabalho não podia ficar "entrevado" pela burocracia.

Isolada no meio da selva, a expedição não podia depender de memorandos, ofícios, despachos, portarias e ordens de serviço toda vez que precisasse tomar qualquer atitude.

#### DESOCUPAÇÃO

"Ora — reclamava o sertanista — eu estive numa guerra, a maior frente de pacificação da Funai, superior em número de índios a todas as tribos que estão na rota da Transamazônica." Pedia, ainda, a retirada imediata de 100 famílias de

colonos, estabelecidos em lotes vendidos pela Imobiliária Itaporanga, na área indígena. "As terras dos índios foram invadidas. Eles já passaram pelo sarampo, trazido pelos colonos, mas não sei se passarão pela

gripe, a tuberculose e a catapora. Enfim, será por demais duro para mim assistir ao extermínio de mais este povo e contemplar insensível a destruição dos meus sonhos, loucos sonhos da minha juventude, jamais realizados."

"Há hoje — acrescenta — uma penosa realidade no Parque do Aripuanã. É a solidão, a incompreensão angustiante de um povo. É quase um momento ilógico na história deles. Em menos de quatro anos, as suas terras já começaram a ser devastadas. As epidemias já deixaram suas marcas e muitos deles tombaram nos primeiros quilômetros da longa estrada, onde encontram a miséria, a fome, a prostituição de suas mulheres e o fim de seus sonhos."

#### DESIGUALDADE

Com 22 anos, o sertanista Apoena conta que, desde quando "morava no ventre de sua mãe" (ele nasceu durante a pacificação dos xavantes, feita por seu pai) está ligado aos índios, tendo por eles um amor imenso.

— Muitos não compreendem minha revolta. Ganhando relativamente bem, exercendo uma função de confiança, ainda não me conformo e contrario, então, uma série de determinações. Jamais me deixei motivar pelo dinheiro. Hoje alcancei um estágio onde tudo para mim perdeu o valor que antes tinha — o orgulho, o dinheiro, a aparência, a ambição.

O sertanista comenta ainda que não gostaria de ser julgado pelas "futuras gerações" como um "gigolô" de índios e, por isso, afirma: "Ou se dá realmente apoio e autonomia ao homem designado para chefiar o Parque de Aripuanã, e sejam tomadas providências para expulsar os invasores brancos, ou, caso contrário, qualquer ad-

ministrador do parque não passará de um simples espectador do esbulho, da exploração e miséria que sofrerão os cintas-largas.

— Preferia morrer lutando ao lado dos cintas-largas, defendendo suas terras, seus direitos, a vê-los amanhã mendigando em suas terras seus direitos, a vê-los amanhã mendigando em suas próprias terras. Isso não faço por que um homem que lança seus companheiros numa luta desigual é um irresponsável e, também, porque tenho certeza das pressões econômicas e políticas que a Funai enfrenta."

#### DESSERVIÇO

— Felizes daqueles que morreram pensando estar contribuindo com suas mortes para uma tomada de posição por parte da Funai — diz o sertanista, referindo-se a Possidônio Bastos e Acrísio Lima.

Acrescenta que ficou profundamente revoltado com a morte dos companheiros, pois sentiu que eles de nada serviria à causa indígena, pois até o momento a Funai nada fez de concreto para retirar os colonos da área.

— A nós não importam os problemas sociais ou econômicos que a retirada dos colonos possa acarretar. Primeiro, porque não fomos nós que os instalamos na área. Segundo, porque a colonização foi legal e cabe à Funai e ao INCRA a total responsabilidade pela presença dos mesmos até hoje na área.